

**GEOGRAFIA E LITERATURA EM *BLACK BOY* (*AMERICAN HUNGER*), DE RICHARD WRIGHT<sup>1</sup>**

**GEOGRAPHY AND LITERATURE IN RICHARD WRIGHT'S *BLACK BOY* (*AMERICAN HUNGER*)**

Ernani Silverio Hermes<sup>2</sup>

Rosani Úrsula Ketzner Umbach<sup>3</sup>

UFSM

**Resumo:** A narrativa autobiográfica *Black Boy* (*American Hunger*): a record of childhood and youth, de Richard Wright, é dividida em duas partes: na primeira, “Southern night”, o autor-narrador-personagem trata das suas experiências da infância no Sul dos Estados Unidos; na segunda, “The horror and the glory”, é contemplada a sua experiência de mudança para Chicago, ao norte. A divisão formal é também uma divisão geográfica entre sul e norte e, desse arranjo discursivo, emerge um campo simbólico que remete à História da Guerra Civil entre o sul agrário e escravista e o norte industrial. Dado esse contexto, criam-se malhas narrativas que expressam construções de imaginário a respeito do norte: de um lado, o norte como um lugar de possibilidades para a comunidade negra, em que a violência racial é supostamente atenuada; por outro, a desconstrução desse imaginário a partir de evidências de práticas discriminatórias. Isso posto, objetiva-se, neste artigo, analisar as construções de sentido erigidas na narrativa pelas dinâmicas do espaço agenciadas pelo narrador em interlocução com processos históricos e culturais. Esse empreendimento analítico é embasado nos postulados de Michel Collot (2012) sobre geografia literária, bem como nas considerações de Daniel-Henri Pageaux (2011) sobre a relação entre geografia e literatura na perspectiva do comparatismo. Sobre o imaginário norte/sul, recorre-se à crítica afro-americana, principalmente W. E. B. Du Bois (1901; 2007) e bell hooks (2009), bem como outras vozes teóricas de acordo com a demanda da análise.

**Palavras-chave:** Literatura Comparada; Geografia; Literatura Afro-Americana; Richard Wright.

**Abstract:** The autobiographical narrative *Black Boy* (*American Hunger*): records of childhood and youth, by Richard Wright, is divided into two parts: in the first one, “Southern night”, the author-narrator-character handles his experience of childhood in the South of United States; in the second one, “The horror and the glory”, his experience of moving to Chicago, in the north, is covered. The formal division is also a geographical division between south and north and, from this discursive arrangement, a symbolic field referring to History of Civil War between the agricultural and enslaving south and the industrialized north raises. Given this context, narrative fabrics are built up expressing imaginary construction about north: on one hand, the north as a place of possibilities to black community, in which racial violence is, apparently, weakened; on the other, the deconstruction of such imaginary considering evidences of discriminatory acts. Therefore, in this article, we aim to analyze meaning-making process constructed in the narrative

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - Código de Financiamento 001. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - Finance Code 001.

<sup>2</sup> Doutorando e mestre em Letras - Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. Graduado em Letras - Inglês pela Universidade Regional Integrada do LAtu Uruguai e das Missões.

<sup>3</sup> Doutora Neuere Deutsche Literatur pela Freie Universität Berlin, bolsista de produtividade em pesquisa nível 1C do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e professora titular do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria.

by special dynamics managed by the narrator in dialogue to historical and cultural process. This analytical enterprise is based on Michel Collot's (2012) postulates about literary geography, as well as Daniel-Henri Pegeaux's (2011) considerations about the relations between Geography and Literature in a comparatist perspective. About north/south imaginary we appeal to African American Criticism, mainly, W. E. B. Du Bois (1901; 2007) and bell hooks (2009), as well as other theoretical voices according to the analytical need.

**Keywords:** Comparative Literature; Geography; African American Literature; Richard Wright.

**Recebido em 26 de março de 2023.**

**Aprovado em 15 de dezembro de 2023.**

## **Introdução**

Quando a literatura comparada atravessa o Atlântico e chega às universidades estadunidenses uma mudança de paradigma é observada. Tânia Carvalhal (2003) observa que o trânsito da Escola Francesa para a Escola Americana é um movimento do comparatismo feito entre diferentes literaturas nacionais rumo a uma prática comparatista em que etiquetas nacionalistas deixam de ter relevância e abrem-se outras perspectivas analíticas. Desse novo viés emerge a interdisciplinaridade como horizonte para o exercício do comparatismo, isto é, problematizar objetos literários a partir das tramas de sentido que se estabelecem da relação entre literatura e outras áreas do saber.

Henry Remak (2002) explica que grande parte dos estudos comparatistas realizados nessa perspectiva contemplam objetos monolíngues e monoculturais, rompendo com um modelo teórico metodológico binário. Isso significa que a imposição de contemplar textos de diferentes línguas e culturas é deixada para trás, o que promove uma expansão do campo da literatura comparada. Nessa visada, Remak (2002) entende a ideia de disciplinas como diferentes demarcações teóricas que buscam dar conta de aspectos da vida social, da experiência e das atividades humanas e que são refletidas no fenômeno literário.

Remak (2002) reconhece que desde a inserção da interdisciplinaridade como uma questão ao comparatismo, é proeminente o diálogo entre a análise do literário em sua relação com as ciências humanas. Nesse sentido, emergem perspectivas de análise cujo centro está em olhar para o texto literário com operadores de leitura encontrados na história, na filosofia, na sociologia, na psicologia, na antropologia e na geografia.

Diante desse contexto, é em relação a esta última que recai a atenção deste artigo: a problematização do texto literário a partir da geografia. Desse modo, interessa, nesse

percurso de reflexão, a análise da narrativa autobiográfica *Black Boy (American Hunger)*<sup>4</sup>: a record of childhood and youth, do escritor afro-americano Richard Wright, publicada de forma parcial: a primeira parte de 1945, a segunda parte de 1977 e as duas como um único volume em 1991. A partir desse objeto, a problematização incide na representação do imaginário geográfico entre norte e sul pelas malhas narrativas tecidas pelo agenciamento narrativo. Isto é, como a narrativa de Wright interage com o imaginário que se forma a partir da Guerra Civil Americana que divide o país entre o norte industrial e contrário à escravidão e o sul agrário e escravista que instaura pacotes narrativos que associam o norte à liberdade, em uma suposta atenuação da violência racial, e o sul como lugar onde a opressão da comunidade negra é visualizada de forma mais aguda e como os percursos das personagens constroem posicionamentos a partir dessa geografia simbólica que oscilam entre a confirmação e a desconstrução desse imaginário.

Para desenvolver a análise proposta, traça-se um quadro teórico que contempla as proposições da geografia literária de Michel Collot (2012) e as considerações sobre geografia e literatura de Daniel-Henri Pegeaux (2011). Sobre a relação norte/sul nos processos históricos e culturais dos Estados Unidos, busca-se aporte na crítica afro-americana, sobretudo W. E. B. Du Bois (1901; 2007) e bell hooks (2009).

## 1. Geografia e literatura

Michel Collot (2012), em seu artigo “Rumo a uma geografia literária”, aponta que nos últimos anos os estudos sobre a literatura na sua relação com o espaço têm sido cada vez mais numerosos. O autor reconhece que esses empreendimentos críticos, sedimentados na relação entre geografia e literatura, não se afastam das prerrogativas da literatura comparada. Ainda, tais pesquisas situam-se no cenário do que pode ser chamado de virada espacial, ou virada geográfica, que se localiza no percurso traçado pelas

---

<sup>4</sup> Para este trabalho é utilizada a edição comemorativa dos 60 anos de publicação, lançada em 2005 pela Harper Collins. Esta edição compila as duas partes publicadas, originalmente, de forma separada. Ainda, opta-se por trabalhar com o texto no original em Língua Inglesa por dois motivos: primeiro, as duas traduções disponíveis em Português Brasileiro contemplam apenas a primeira parte, de 1945, ao adotar uma delas para os fragmentos analisados, entende-se que poderia haver uma falta de coesão entre trechos da primeira parte, de uma das traduções, e os da segunda parte, que seriam traduzidos pelo autor do trabalho; segundo, as traduções disponíveis encontram-se obsoletas, de modo especial a primeira, de 1946. Ademais, prefere-se manter o texto original no corpo do texto e a tradução em nota de rodapé para comentar termos específicos na análise dos excertos.

WRIGHT, Richard. *Black Boy: A record of childhood and youth (American Hunger)*. 6th ed. New York: Harper Collins, 2005.

humanidades na direção de entender as atividades humanas e as relações sociais no contexto espacial e geográfico no decorrer do tempo.

Nesse sentido, Collot (2012, p. 19) observa que “a geografia integra cada vez mais a dimensão histórica, tornando-se geografia humana, econômica, social e cultural, mais que geografia física”. Isso significa que o campo de estudos da geografia tem contemplado e se dedicado, cada vez mais, a aspectos que não apenas os elementos naturais que compõem o espaço, mas estudar o espaço a partir dos processos históricos, sociais e culturais que são enquadrados pelo espaço.

Nessa guinada, há uma estreita relação entre a geografia e a história, ou seja, uma busca por sentidos que cruzam as atividades humanas no tempo e no espaço. Esse movimento tem um dos seus pontos de partida na Escola dos Anais que tinha como uma de suas preocupações expandir geograficamente o foco de suas pesquisas. A partir desse ponto abre-se campo para a reflexão que tem como elemento precursor o enquadramento do agir humano em um esquema espaço-temporal.

À vista disso a literatura é interpelada a participar desses desdobramentos teóricos. Como explica Collot (2012),

Vê-se assim uma significativa convergência entre as duas disciplinas: os geógrafos encontram na literatura a melhor expressão da relação concreta, afetiva e simbólica a unir o homem aos lugares, e os escritores se mostram, do seu lado, cada vez mais atentos ao espaço em que se desenvolve a escrita (COLLOT, 2012, p. 19).

O interesse é mútuo: geógrafos olham para a literatura pelo seu potencial expressivo estruturado a partir de uma mirada subjetiva ao espaço, que intersecciona processos culturais à representação do espaço, que capta o ser no mundo em um quadro espacial. Do lado da criação literária, escritores contemplam de forma mais atenciosa o espaço. Igualmente, na perspectiva dos estudos literários, estudiosos buscam na geografia dispositivos para problematizar textos literários. Ainda, Collot (2012), com base nos estudos de Marc Brosseau, aponta que além de dados específicos a literatura contempla aspectos geográficos à medida que às narrativas subjazem esquemas de pensamento espacial que singularizam o fazer geográfico.

Diante desse cenário, o autor aponta diferentes nomenclaturas: geografia da literatura, geocrítica e geopoética. Na visão do autor esses termos complementam-se uns aos outros, no sentido de

uma *geografia da literatura*, a qual estudaria o contexto espacial em que as obras são produzidas e se situaria sobre o plano geográfico, mas também no histórico, social e cultural; o de uma *geocrítica*, que estudaria as representações do espaço na própria constituição do texto e que se prenderia sobretudo ao plano do imaginário e da temática; o de uma *geopoética*, a qual estudaria as relações entre o espaço, as formas e os gêneros literários, e que poderia desembocar numa poética, numa teoria da criação literária (COLLOT, 2012, p. 20, grifos do autor).

É possível fazer um paralelo entre a geografia da literatura com a história da literatura. Enquanto esta dedica-se à sistematização das obras literárias em uma perspectiva diacrônica considerando aspectos contextuais da esfera histórica, aquela o faz com foco no contexto geográfico, de como a localização geográfica influencia na produção, circulação e recepção das obras literárias.

Na compreensão de Collot (2012), a perspectiva da geografia da literatura tende a

valorizar os fatores humanos, sociais, econômicos e culturais: o primeiro fator geográfico determinante para a produção de uma obra literária, em sua perspectiva, é o contexto linguístico e, mais largamente, cultural. É atento também às condições econômicas: há uma geografia da edição, da impressão, da livraria e da tradução (COLLOT, 2012, p. 22).

Por essa citação, depreende-se que a geografia da literatura, a partir do enquadramento geográfico, situa a obra em uma cultura. A partir desse posicionamento visualizam-se fatores econômicos e sociais que porventura interferem na obra, desde a sua criação, até a publicação e a tradução para outras línguas. Contudo, compreendida nesses termos, a geografia literária apresenta lacunas, como pontua Collot:

Uma geografia da literatura assim concebida bem mostra como uma obra se prende a um território, mas esquece de mostrar como ela o transforma para construir seu próprio espaço, que é o do imaginário e da escrita, que não se acha senão no texto, e que não se pode transferir para nenhum mapa do mundo do conhecimento. [...] Uma geografia verdadeiramente literária deveria integrar essa dimensão subjetiva e imaginária, difícil de cartografar, se não se apoia num «mapa mental» (COLLOT, 2012, p. 22-23).

Dito nesses termos, Collot (2012) direciona a um entendimento de que a prática da geografia literária não deve ficar restrita apenas a sistematizações entre o texto e o contexto, mas, sim, abarcar as produções de sentido no texto literário a partir do espaço por ele representado. Então, pela criação literária imaginários geográficos são construídos a partir das negociações de sentidos que se estabelecem a partir da representação do espaço. Ao representar o espaço geográfico, a obra literária capta tessituras simbólicas, imaginárias e subjetivas que escapam à cartografia. É em relação a esse aspecto que as análises empreendidas pela via da geografia literária tornam-se pertinentes.

Já a geocrítica, entende Collot (2012), se distancia do caráter contextual da geografia literária. O autor propõe

chamar de *geocrítica* a análise das representações literárias do espaço tal como pode ser feita a partir do estudo do texto ou da obra de um autor e não mais de seu contexto. Trata-se de estudar menos os referentes ou as referências de que o texto se nutre e mais as imagens e significações que ele produz, não uma geografia real mas sim uma geografia mais ou menos imaginária (COLLOT, 2012, p. 23).

Pela lente da geocrítica, o foco não é a produção de sentido que resulta da intersecção entre o objeto literário e o contexto geográfico, entre a referencialidade entre o texto e a simbolização de um espaço geográfico real. O que é contemplado pela geocrítica é a representação imagética do espaço no texto literário.

Ainda, a geocrítica tem como preocupação a paisagem na composição poética. Isso quer dizer a imagem que se constrói de um lugar a partir do ponto de vista de um sujeito. É nessa captação de significado que a geocrítica se embrenha no ofício de interpretação do texto literário: a sua configuração textual captada por um sujeito.

A geopoética, por seu turno, refere-se a um “estudo das formas literárias que configuram imagens de lugares” (COLLOT, 2012, p. 25). Essa definição tem por base a ideia de que gêneros literários distintos têm a sua própria Geografia. Nesse sentido, o autor traz argumentos de que as escolhas estilísticas são balizadas pelo espaço da criação literária.

Colocadas essas distinções, também se depreende que elas se aglutinam: observar a relação contextual entre texto e espaço geográfico imbricada à análise de como esse elemento é representado textualmente considerando a Geografia que emerge da forma literária em questão. Ou seja, integrar essas diferentes perspectivas que emergem da relação entre geografia e literatura no desenvolvimento da análise literária.

Nessa linha de reflexão, infere-se que o sujeito, representado na narrativa literária pelas categorias das figuras dos personagens e do narrador, ao mesmo tempo que expressa as formas de ser no mundo com o seu atravessamento da temporalidade, também tem seu cruzamento com o espaço. É, então, do entrecruzar do sujeito com o espaço que malhas narrativas são tecidas e abrem perspectivas para o nível do simbólico e do imaginário.

Ademais, a apreensão do espaço geográfico pela práxis narrativa não se desvincula de processos históricos que, imbricados, constroem sentidos. Isso porque um enquadramento histórico é um enquadramento geográfico, como o contrário. As tessituras

de significação que se abrem pelo discurso literário, portanto, são atravessadas tanto pela História, quanto pela Geografia.

Ao finalizar sua reflexão, Collot escreve que “espaço não é, para os escritores, somente um cenário exterior, mas a expressão de valores e de significações de seu imaginário mais íntimo, portador de um potencial considerável de invenção linguística e formal” (COLLOT, 2012, p. 29).

Isto é, a partir da composição discursiva, sentidos são construídos na direção do espaço geográfico. Este que, ao ser articulado pelas tramas do literário, alcança significações múltiplas atravessadas por construções de imaginários, capital simbólico e dinâmicas culturais.

Daniel-Henri Pegeaux (2011) também propõe alguns apontamentos sobre a relação entre geografia e literatura. Em seu ensaio “Diálogos entre comparatismo e ciências humanas e sociais: história, geografia, antropologia”, de modo especial na segunda parte, o teórico francês estreita as relações entre Geografia e Literatura pelo viés do comparatismo. Em suas considerações, ressalta que é necessário, ao considerar o espaço como categoria analítica, a distinção entre uma posição determinista naturalista e o papel do espaço nas atividades humanas.

Pegeaux (2011) considera o uso do termo “geosimbólica” (PEGUEAUX, 2011, p. 80) que diz respeito ao imaginário geográfico que extrapola a criação poética. Desse ponto, o autor entende que três vetores são necessários para pensar geografia e literatura pelo viés do comparatismo. Nos termos do autor,

Esses momentos recortam os três níveis de uma reflexão de alcance teórico que já esbocei em diversas ocasiões: a) histórica, social e cultural; b) poética ou formal; enfim, c) imaginária ou simbólica. [...]

Se refletirmos sobre o papel da literatura comparada no estudo do espaço, podem-se adotar, a meu ver, três orientações essenciais: a mitocrítica (mitificação de um espaço, em particular de uma cidade); a tematologia; a imagologia (imagens ditas autóctones *versus* imagens alógenas) (PEGUEAUX, 2011, p. 80, grifos do autor).

Vista por esses termos, depreende-se que a questão do espaço geográfico no texto literário perpassa por uma apreensão de aspectos históricos, sociais e culturais, bem como a sua conversão em material poético, que atinge o nível das construções de imaginário e das elaborações simbólicas. Nesse sentido, ao visualizar a aporia do espaço geográfico na composição literária pela lente do comparatismo, a saída se dá pelas vias da construção mítica do espaço, da sua tematização no objeto literário e dos contrastes imagísticos que emergem das narrativas.

Pegueaux (2011) reconhece, também, que a Literatura exerce papel relevante na construção dos imaginários geográficos. Uma vez que ela elabora mitos, tece narrativas e ressignifica o espaço geográfico em benefício de novas circunstâncias poéticas. Assim, ao inventariar um determinado imaginário geográfico, reavalia-se um capital cultural que abrange produções literárias e outras formas culturais, como outras artes, por exemplo.

Esses desdobramentos teóricos convertem-se em chaves de leitura para a problematização de textos literários. Tais como a reflexão sobre os posicionamentos das figuras ficcionais na cartografia social apresentada pela realidade diegética e as relações de poder que emergem desse contexto, bem como a representação da construção de imaginários a respeito de espaços geográficos trazidos à narrativa pelos discursos enunciados pelos personagens e narradores e as suas conseqüentes implicações na agência desses.

## **2. O imaginário geográfico em *Black Boy (American Hunger)*, de Richard Wright**

Richard Wright, em sua narrativa autobiográfica *Black Boy (American Hunger): records of childhood and youth* (2005), reexamina as suas experiências da infância e adolescência na parte sul dos Estados Unidos e, na segunda parte, o seu processo de migração para o norte. Pelo enredo desenvolvido pelo narrador, a experiência nos estados sulistas pelos quais passa – Mississippi, Tennessee e Arkansas –, é cruzada pelas leis Jim Crow. Esse conjunto de dispositivos legais, explicado por Mauke e Oakland (2009), compreende as leis estaduais que tornam legais práticas segregacionistas nos estados do sul e que vigoraram de 1877, período da Reconstrução que seguiu à Guerra Civil, e se estendem até 1964, interrompido pelas movimentações em prol dos direitos civis. Essa herança histórica cruza a experiência de mundo do autor-narrador-personagem e, por conseguinte, reflete na sua construção narrativa. Assim, esse elemento direciona a um contexto histórico de um cenário geográfico de tensão entre os estados nortistas e sulistas.

O antagonismo norte/sul relacionado à história da comunidade afro-americana antecede a Guerra Civil. Os estados do norte já eram estados livres desde o século XVIII, diferente dos sulistas. O Rio Ohio, materialidade geográfica, era um símbolo da *Mason Dixon Line*, uma linha divisória que dividia os estados escravistas dos estados livres e que durante a Guerra Civil separou os Estados Confederados (sul) dos Estados Unidos (norte), nomenclatura que vigora a partir da Guerra.

Henry Peter Burke (2000) explica que durante os anos de escravidão esta linha representou

the political and ideological boundary between the "Northern Free States" from the "Southern Slavocracy States" [...]. Between 1780-1820 the Mason Dixon Line gradually became the political boundary between the "free" states of the North and the "slave" states of the South (BURKE, 2000, p. 01).<sup>5</sup>

Esse contraste aumenta as situações de conflito entre os dois polos, ponto que vai conduzir à Guerra Civil Americana, ou Guerra de Secessão, de 1861 a 1865, entre os Estados da União e os Estados Confederados. Aqueles compreendiam os estados nortistas, em processo de industrialização, que se colocavam contrários à escravidão, enquanto os Confederados, essencialmente agrários, desejavam a manutenção do sistema escravista. Ao final, com a vitória do norte, a Proclamação de Emancipação assinada por Abraham Lincoln e as emendas constitucionais, a escravidão passou a ser proibida nos Estados Unidos (MAUKE e OAKLAND, 2009).

Mauke e Oakland (2009), quando tratam da população afro-americana, assinalam que o fim da escravidão, de forma alguma, foi o fim da opressão racial. Ao final do regime escravista, os então escravos continuavam dependentes dos seus antigos senhores:

with no land or education, most black people had to work as sharecroppers or had to lease land and equipment from their former masters. Rents were so high that they had to give most of their crop in payment and had little to sell to get out of debt (MAUKE e OAKLAND, 2009, p. 98).<sup>6</sup>

Isto significa que a falta de políticas de reparação promoveu um prolongamento da violência econômica e, conseqüentemente, física, psicológica e simbólica contra a comunidade negra. Essa perpetuação da subalternidade foi efetuada pela estrutura jurídica das leis Jim Crow que promoviam a segregação racial nos espaços públicos. Como explicam Mauke e Oakland (2009):

The new constitutional amendments were enforced in the south by the presence of the Union army from 1865 to 1877 during Reconstruction. Then, however, the troops were withdrawn and the north abandoned the cause of the former slaves. For eighty years the federal government left the south alone. Southerners did not accept black people as equals; they passed laws which denied them social, economic and political rights, and they segregated almost every aspect of public life. These 'Jim Crow laws' remained in effect in most southern states until the 1960s (MAUKE e OAKLAND, 2000, p. 97).<sup>7</sup>

<sup>5</sup> “a fronteira política e ideológica entre os ‘estados nortistas livres’ e os ‘estados sulistas escravistas’ [...]. Entre 1780-1820 a linha Mason Dixon gradualmente se tornou a fronteira política entre os estados ‘livres’ do Norte e os estados ‘escravistas’ do Sul” (tradução minha).

<sup>6</sup> “Sem terra ou educação, a maioria da comunidade negra teve que trabalhar como agregados ou arrendar terras e equipamentos dos seus antigos senhores. O arrendamento era tão alto que tinham que dar a maior parte das suas colheitas e ficavam com muito pouco para vender e pagar suas dívidas” (tradução minha).

<sup>7</sup> “As novas emendas constitucionais foram forçadas no sul pela presença do exército da União de 1865 a 1877 durante a Reconstrução. Nessa altura, contudo, as tropas foram retiradas e o norte abandonou a causa dos ex-escravos. Por dezoito anos o governo federal deixou o sul sozinho. Sulistas não aceitaram pessoas negras como seus iguais; eles aprovaram leis que negavam direitos sociais, econômicos e políticos à

Por esse percurso histórico, o que se observa é que historicamente há uma construção de imaginários geográficos distintos para o norte e para o sul: o primeiro é visto como possibilidade de liberdade, que alguns relatos associam à Bíblia, como a “terra prometida”, em que o Rio Ohio é tomado como Rio Jordão que os conduziria à libertação; já ao segundo associam ao prolongamento da opressão e da violência racial. A linha que divide os estados nortistas e sulistas se constrói, então, como uma geografia simbólica sedimentada em dinâmicas de poder e que se coloca como fonte de narrativas que encenam a saga dos afro-americanos e que são tocadas pela historicidade e, assim, produzem sentidos ao longo da História a partir do espaço geográfico.

Richard Wright, nesse sentido, ao construir uma narrativa do si, negocia sentidos com esse imaginário e com esse capital narrativo que alimenta a sua imaginação. Ele mesmo reproduz esse imaginário de sair do Sul e ir para o Norte como forma de se afastar da violência. Essa geografia simbólica, portanto, atravessa a forma pela qual o sujeito concretiza a sua interação com o mundo, ressonando na sua imaginação, no seu discurso e no seu agenciamento.

A partir desse crivo de análise, o primeiro ponto que chama atenção no livro são as próprias escolhas lexicais utilizadas para seccionar a narrativa: a primeira parte, que cobre justamente a infância e adolescência no Sul, é denominada “Southern night”. A ideia de uma “noite sulista”, pelo termo “noite”, constrói um contraste com dia, com luz, ou seja, carrega um sentido de trevas. J. E. Cirlot, em *A dictionary of symbols* (2001), aponta que, simbolicamente, a noite representa a morte, em uma relação de oposição ao dia, que representa vida. Logo, o Sul é associado a sentidos que restringem as possibilidades existenciais do sujeito, justamente pela potência da opressão racial. A segunda parte da narrativa, que trata da migração do sul em direção ao norte, é intitulada “The horror and the glory”: novamente as escolhas léxicas direcionam a uma valoração da experiência atrelada ao espaço. O horror é associado ao Sul, lugar que ele está deixando, enquanto a glória é o Norte, para onde ele está indo em busca de melhores condições de vida. Assim, a glória é uma promessa de renovação, de expansão das possibilidades de ser no mundo.

Na sequência da análise, adentrando ao texto, cabe entender como o autor-narrador representa a sua experiência nos estados do sul no início do século XX, ou seja, no enquadramento geográfico sulista e histórico das leis Jim Crow. Pela voz narrativa, observa-se, de forma bastante apurada, os efeitos do racismo e suas consequências, como a pobreza e o constante estado de deslocamento.

Em uma cena, o jovem Richard traz o seguinte pensamento:

---

comunidade negra e os segregaram de quase todos os aspectos da vida pública. As ‘leis Jim Crow’ permaneceram em vigor na maior parte dos estados sulistas até os anos de 1960” (tradução minha).

A dread of white people now came to live permanently in my feelings and imagination. As the war drew to a close, racial conflict flared over the entire South, and though I did not witness any of it, I could not have been more thoroughly affected by it if I had participated directly in every clash. The war itself had been unreal to me, but I had grown able to respond emotionally to every hint, whisper, word, inflection, news, gossip, and rumor regarding conflicts between the races. Nothing challenged the totality of my personality so much as this pressure of hate and threat that stemmed from the invisible whites. I would stand for hours on the doorsteps of neighbors' houses listening to their talk, learning how a white woman had slapped a black woman, how a white man had killed a black man. It filled me with awe, and fear [...] (WRIGHT, 2005, p. 73).<sup>8</sup>

Nesse pensamento, colocado no texto na forma de monólogo interior, fica evidente o medo como um rasgo nas malhas subjetivas do narrador-personagem. Por esse viés, a História da Guerra Civil intensificou no Sul problemas raciais que percorrem a História. Ainda que ele não tenha testemunhado a Guerra, ele ocupa uma posição social que é perpassada pelos efeitos dos processos históricos que culminam no conflito bélico. Pelos termos utilizados, fica visível a forma como o próprio sujeito representa a formação da sua personalidade: a pressão do ódio que provinha do sentimento de estar constantemente sob ameaça dos brancos.

Esse cenário o coloca na via direta da violência. Uma vez que as ofertas de narrativa que lhe são feitas trazem as figuras da violência: a mulher branca que bate na cara da mulher negra e o homem branco que mata o homem negro. Diante desse contexto, o seu processo de subjetivação, associado ao seu processo de socialização naquele espaço geográfico, é conduzido pelo temor da violência.

Aqui, portanto, o elemento geográfico, de estar posicionado ao sul do país, faz com que o sujeito esteja *enredado* (SCHAPP, 2007) em um emaranhado de histórias que o antecedem e que o afetam. Assim, essa reivindicação das narrativas que envolvem a sua família, a sua comunidade e a nação como um todo é uma estratégia de narração do si em que a geografia é fonte narrativa.

Nesse caminho, a pobreza e a marginalização perpassam a experiência do autor-narrador-personagem no Sul como formas de violência. A violência se prolonga ao longo do tempo, colocada em perspectiva à história de vida, é propulsora dessa violência simbólica caracterizada pela exclusão social. No mesmo capítulo da citação anterior, há a seguinte passagem:

---

<sup>8</sup> “Um terror das pessoas brancas veio a habitar permanentemente os meus sentimentos e a minha imaginação. Assim que a guerra chegou ao fim, os conflitos raciais se espalharam por todo o Sul, e mesmo que eu não tenha testemunhado nada disso, eu não poderia ter sido mais atingido do que fui se tivesse participado diretamente de cada conflito. A própria guerra me foi irreal, mas eu cresci pronto para responder emocionalmente a cada indício, sussurro, palavra, entonação, notícia, boato e rumor a respeito dos conflitos entre raça. Nada desafiou a totalidade da minha personalidade da mesma forma que essa pressão do ódio e da ameaça que se origina dos brancos imperceptíveis. Eu poderia ficar em pé por horas nas soleiras das casas vizinhas ouvindo as suas conversas, aprendendo como uma mulher branca bateu no rosto de uma mulher negra, como um homem branco matou um homem negro. Isso me enchia de temor e medo [...]” (tradução minha).

Christmas came and I had but one orange. I was hurt and would not go out to play with the neighborhood children who were blowing horns and shooting firecrackers. I nursed my orange all of Christmas Day, at night, just before going to bed, I ate it, first taking a bite out of the top and sucking the juice from it as I squeezed it; finally I tore the peeling into bits and munched them slowly (WRIGHT, 2005, p. 77).<sup>9</sup>

Nesse episódio, o único presente de Natal que Richard tem é uma laranja. A celebração carrega consigo uma carga afetiva relevante e um destaque nos processos de socialização, demarcado no texto pelos vizinhos que brincavam. Devido à situação de extrema pobreza, o personagem tem negada a sua participação na data comemorativa.

Esse aspecto da experiência amarra duas pontas da identidade de Richard em associação ao enquadramento histórico e geográfico em que vive: a raça e a classe. Desse modo, a sua história de vida é cruzada pelo seu posicionamento na cartografia social, de uma forma simbólica, no sentido do lugar que ele ocupa na sociedade, mas também na própria cartografia geográfica, uma vez que se situa ao sul.

À medida que Richard vai amadurecendo, ele desenvolve também as suas percepções a respeito da política do espaço. Isto é, o personagem passa a desenvolver uma consciência sobre a organização da vida pública pelo crivo da espacialidade à luz das dinâmicas raciais. Assim, ele é inserido na semiótica daquele espaço geográfico, como demonstra a passagem abaixo:

The roundhouse was the racial boundary of the neighborhood, and it had been tacitly agreed between the White boys and the black boys that the whites were to keep to the far side of the roundhouse and we blacks were to keep to our side (WRIGHT, 2005, p. 83).<sup>10</sup>

Ao passo que o menino adentra à socialização, ele vai se inserindo nas dinâmicas sociais e, dentre elas, as espaciais. O pátio ferroviário funcionava como uma fronteira simbólica: de um lado, negros; do outro, brancos. Essa demarcação física aponta para a segregação racial, sustentada, à época, pelas leis Jim Crow. Como explica bell hooks<sup>11</sup>, em *Belonging: a culture of place*, ao refletir sobre as comunidades negras nos centros urbanos: “black folks were forced to live within boundaries in the city, ones that were not formally demarcated, but boundaries marked

<sup>9</sup> “O Natal veio e eu não tive nada além de uma laranja. Eu estava magoado e não iria brincar com as crianças da vizinhança que estavam tocando cornetas e soltando bombinhas. Eu guardei minha laranja durante todo o dia de Natal, à noite, um pouco antes de deitar, eu a comi, primeiro mordendo em cima e chupando o seu suco enquanto eu a apertava; finalmente eu tirei a pele com os dentes e lentamente a saboreei” (tradução minha).

<sup>10</sup> “O pátio ferroviário era a fronteira racial do bairro, e isso foi implicitamente acordado entre os meninos brancos e os meninos negros que os brancos ficariam longe do pátio e nós ficaríamos do nosso lado” (tradução minha).

<sup>11</sup> Grafar o nome com as iniciais minúsculas é uma opção política da autora. Opção esta que seguimos na redação deste texto.

by white supremacist violence against black people if lines were crossed” (HOOKS, 2009, p. 08 - 09)<sup>12</sup>. Essas fronteiras que separam o espaço geográfico e segregam pessoas negras a determinados locais, como pontua a autora, são marcas da violência, ou seja, são marcações simbólicas sustentadas por estruturas de poder que visam à manutenção da opressão racial.

Diante desse contexto, observa-se que a experiência de Richard é atravessada pela pobreza, pela violência, pela segregação e essa situação é resultado da herança escravista do Sul. O aspecto político também se soma às dinâmicas familiares, nas quais o autor-narrador-personagem nem sempre se enquadra. Nesse sentido, a mirada para o Norte é a possibilidade de viver de uma forma mais livre: “I was dreaming of going north and writing books, novels. The North symbolized to me all that I had not felt and seen; it had no relation whatever to what actually existed” (WRIGHT, 2005, p. 168).<sup>13</sup> Por essas linhas, Richard negocia sentidos com o imaginário geográfico que é construído pelas ofertas de narrativa que o interpelam. Para o menino, o Norte representa o oposto do Sul, isto é, a atenuação da violência racial. Ademais, para ele não é uma questão se todo aquele imaginário existe, mas o que simboliza para ele, ou seja, não importa a sua condição real, importa a narrativa que ele criou para si mesmo. O Norte, então, é a terra das promessas, da expansão das possibilidades de ser no mundo, materializada pelo vislumbre de concretizar o seu ofício literário. Destaca-se ainda que, neste momento da narrativa, Richard imagina o Norte: cria uma imagem daquele espaço geográfico com base no imaginário que se construiu ao longo da História para a comunidade negra nos Estados Unidos. Assim, observa-se que, novamente, há uma elaboração individual de uma experiência de mundo que dialoga com uma elaboração coletiva da experiência de mundo, como acontece com a própria práxis narrativa.

É nesse espírito que ele se torna mais consciente sobre as estruturas racistas de poder que o cercam:

I was building up in me a dream which the entire educational system of the South had been rigged to stifle. I was feeling the very thing that the state of Mississippi had spent millions of dollars to make sure that I would never feel; I was becoming aware of the thing that the Jim Crow laws had been drafted and passed to keep out of my consciousness; I was acting on impulses that southern senators in the nation's capital had striven to keep out of Negro life; I was beginning to dream the dreams that the state had said were wrong, that the schools had said were taboo. [...] In me was shaping a yearning for a kind of consciousness, a mode of being that the way of life about me had said could not be, must not be, and upon which the penalty of death had been placed (WRIGHT, 2005, p. 169).<sup>14</sup>

<sup>12</sup> “pessoas negras eram forçadas a viver dentro de fronteiras na cidade, essas que não eram formalmente demarcadas, mas fronteiras marcadas pela violência da supremacia branca contra negros se as linhas fossem cruzadas” (tradução minha).

<sup>13</sup> “Eu sonhava de ir para o norte e escrever livros, romances. O Norte simbolizava para mim tudo que eu não tinha sentido e visto; isso não tinha nenhuma relação com o que realmente existia” (tradução minha).

<sup>14</sup> “Eu estava alimentando em mim um sonho que todo o sistema educacional do Sul tinha sido equipado para reprimir. Eu estava sentindo que nesse aspecto o estado do Mississippi tinha gasto milhões de dólares para se certificar de que eu nunca iria sentir; eu estava tomando consciência de que as leis Jim Crow tinham

Elemento necessário de se observar é que essa tomada de consciência é materializada em discurso literário por meio de uma focalização embutida (BAL, 2021). Na citação, o narrador se aproveita do ponto de vista do personagem, no nível da história. O verbo *to feel*, que serve como uma amostra dos sintagmas atributivos, semantiza a forma como o personagem sentiu a engrenagem da política racista do Mississippi agindo sobre ele, mas essa perspectiva aparece através da do narrador, em um outro estrato temporal e ontológico. Assim, é possível ao narrador um exame mais detalhado da formação da sua subjetividade naquele enquadramento histórico e geográfico.

O seu sonho, observa em seu relato, era o oposto dos esforços investidos pelos sistemas de poder dos estados sulistas em manter a comunidade negra alienada de seus direitos. Ou seja, a promessa de liberdade no Norte representa o total oposto do projeto de sociedade pretendido pelos que detinham o poder, representados pelos senadores, que era da perpetuação dos mecanismos de subalternização do povo negro. Como verbaliza na narrativa, “I knew that southern whites hated the idea of Negroes leaving to live in places where the racial atmosphere was different” (WRIGHT, 2005, p. 254-255).<sup>15</sup> Por essa fala, o narrador-personagem reconhece que os brancos sulistas desejavam que não houvesse migração da comunidade negra rumo ao norte, isso como forma de manutenção dos seus privilégios assentados na subalternização do outro.

Na contramão, portanto, está a tomada de consciência por parte de Richard. Isto significa que ele está voltando-se a outras narrativas, diferentes daquelas ofertadas pelos esquemas racistas de poder, mas narrativas que apontam para outras formas de ser no mundo, perspectivas que passam pelo vetor da liberdade dos mecanismos opressores e que por sua vez constroem um imaginário sobre o Norte do país erigido pelos signos de liberdade. Assim, ele efetiva a sua mudança para o Norte, mais especificamente para Chicago, em Illinois, saindo de Memphis, Tennessee.

Assim, Richard concretiza a sua aspiração de migrar para o Norte. Ele sai de Memphis, no estado do Tennessee, ao sul dos Estados Unidos, e vai para Chicago, no estado de Illinois, ao norte do país. Aqui ele cruza a simbólica e imaginária *Mason Dixon Line* e chega à terra que imaginara como o mundo das possibilidades e da esperança de viver sem a violência racial característica do Sul. Nesse elemento, ele filia-se à grande massa de afro-americanos que

---

sido elaboradas e aprovadas para isso não entrar na minha mente; eu estava agindo por impulsos que senadores sulistas na capital nacional tinham lutado para manter afastados da vida dos negros; eu estava começando a ter sonhos em que o estado dizia serem errados, que as escolas diziam que era tabu. [...] Estava se formando em mim uma ânsia por um tipo de consciência, um modo de ser que o meu modo de vida tinha dito que não poderia ser, não deveria ser, e sobre o qual a pena de morte tinha sido colocada” (tradução minha).

<sup>15</sup> “Eu sabia que os brancos sulistas odiavam a ideia de negros saírem para viver em lugares onde a atmosfera racial era diferente” (tradução minha).

cruzaram essa linha: os escravos que fugiam das *plantations* no Sul para o Norte, já em processo de industrialização, e os homes e mulheres negros que, depois da abolição, migraram para o outro lado do país fugindo do prolongamento da opressão materializado pelas leis Jim Crow.

Ao chegar no Norte, no caminho para Chicago, Richard encontra uma pessoa, mais especificamente um homem branco. Então, observa o contraste entre os homens brancos do Sul, com os quais estava habituado, e aquele que estava diante dele. Como exemplo, o narrador adverte em uma longa lista que havia inúmeros assuntos que os homens brancos sulistas não discutiam com negros e diz “the most accepted topics were sex and religion” (WRIGHT, 2005, p. 231).<sup>16</sup> Contudo, a abordagem daquele homem branco nortista foi completamente diferente do que ele poderia esperar, como demonstra o diálogo que reproduzo na sequência:

“Don’t be afraid of me”, he went on. “I just want to ask you one question.”  
 “Yes, sir”, I said in a waiting, neutral tone.  
 “Tell me, boy, are you hungry?” he asked seriously.  
 I stared at him. He had spoken one word that touched the very soul of me, but I could not talk to him, could not let him know that I was starving myself to save money to go north. I did not trust him. But my face did not change its expression (WRIGHT, 2005, p. 231).<sup>17</sup>

Com esse diálogo, desvela-se a compreensão do anseio por uma nova vida, longe da miserabilidade e da violência do Sul. O choque cultural diante do outro atinge, de imediato, as malhas subjetivas do personagem. Como visto em discussões anteriores, a fome é uma constante na história de vida de Richard, seja a fome física, seja a fome simbólica. Aquele homem branco a lhe oferecer comida consegue tocar em uma das feridas mais íntimas do personagem. Na mediação feita pelo narrador, admite que naquela ocasião estava com fome, *starving*, faminto, e que não confiava naquele homem. Contudo, o que chama atenção na mediação feita pela voz narrativa é que a expressão do menino não mudou. Pela primeira sentença interrogativa do fragmento, pode-se visualizar a acolhida daquele homem branco para com aquele jovem negro. Assim, interpreto que a expressão que se manteve perene no rosto do personagem era a expressão da desconfiança daquele menino negro do Sul diante daquele homem branco nortista que lhe oferecia alimento. Essa desconfiança emerge no plano sentimental por romper com o padrão de experiências que o personagem teve anteriormente.

O primeiro ponto de interpretação sobre o modo de agir do personagem é a timidez de quem vem de outro lugar, sobretudo de um lugar com condições mais precárias, que se retrai na

<sup>16</sup> “Os tópicos mais aceitos eram sexo e religião” (tradução minha).

<sup>17</sup> ““Não tenha medo de mim”, ele prosseguiu. ‘Eu apenas quero te fazer uma pergunta.’

‘Sim, senhor’, eu disse aguardando, em um tom neutro.

‘Diga-me, menino, você está com fome?’ ele sério me perguntou.

Eu o fitei. Ele tinha falado uma palavra que tocou o mais íntimo de mim, mas eu não podia conversar com ele, não podia deixar que ele soubesse que eu estava passando fome para guardar dinheiro e ir para o norte. Eu não confiava nele. Mas meu rosto não mudou de expressão” (tradução minha).

presença de estranhos. Porém, além disso, Richard, aqui, age a partir das suas feridas e dos seus traumas. Cercado pela violência racial do Sul, criou certa aversão dos brancos, imbuída de um medo contínuo. É a partir desse contexto, dessa experiência de alteridade, que ele mensura as suas relações sociais.

A experiência do personagem no novo espaço é perpassada, num primeiro momento, pela elaboração imaginativa do lugar. O narrador, ao retomar aquele momento via memória, diz que a cidade “mocked all my fantasies” (WRIGHT, 2005, p. 61).<sup>18</sup> Ele encontra-se maravilhado diante daquela cidade e diz: “Chicago seemed an unreal city whose mythical houses were built of slabs of black coal wreathed in palls of gray smoke, houses whose foundations were sinking slowly into the dank prairie” (WRIGHT, 2005, p. 61).<sup>19</sup> O espaço, nesse sentido, materializa as suas projeções de liberdade, dos sonhos de uma vida afastada da violência racial. Diante desse cenário, Richard observa que “There was no racial fear” (WRIGHT, 2005, p. 261).<sup>20</sup>

Nesse primeiro momento há uma ruptura no padrão de experiências de mundo. Ao analisar como o menino Richard imaginara o barco enorme e bonito para depois se deparar com um barco velho e feio, estabelece-se um padrão de que o mundo que ele imagina é além do real. Aqui, o lugar físico, e as primeiras impressões sobre a organização social daquele lugar, o surpreende, e a sua imaginação está, pela primeira vez, aquém do que o mundo lhe oferta. Assim, as aspirações e os anseios tomam proporções maiores e o desejo de uma vida livre do jugo da violência racial aumenta cada vez mais.

O espaço físico o surpreendeu e foi além do que ele imaginava; todavia, o espaço simbólico, ou seja, as dinâmicas políticas e sociais que tinham aquele espaço por cenário ainda eram estruturadas por uma matriz de poder racista. Tal elemento passa a ser evidenciado à medida que Richard vai refinando, penetrando e se integrando de maneira mais íntima àquele espaço que também tinha as suas mecânicas de segregação.

Assim, em um primeiro momento, Richard fica maravilhado por ter cruzado algumas barreiras, fronteiras de poder, como o *Black Belt*<sup>21</sup> de Chicago: “I had crossed the boundary line of the Black Belt” (WRIGHT, 2005, p. 263).<sup>22</sup> Porém, o narrador observa, em seu processo de socialização do outro lado do cinturão, a distinção de tratamento em uma amenização das tensões raciais. Quando busca por emprego, quem lhe atende o trata de uma forma receptiva: “I was black and she did not care” (WRIGHT, 2005, p. 264).<sup>23</sup> Isto quer dizer que o personagem em sua

<sup>18</sup> “zombou de todas as minhas fantasias” (tradução minha).

<sup>19</sup> “Chicago parecia uma cidade irreal cujas casas míticas eram feitas de placas de carvão negro envoltas em mantas de fumaça cinza, casas cujas fundações estavam afundando na úmida pradaria” (tradução minha).

<sup>20</sup> “Não tinha medo racial” (tradução minha).

<sup>21</sup> Corredor que se estendia pela State Street da 22ª a 31ª Rua de Chicago, ao sul ficava, predominantemente a comunidade afro-americana.

<sup>22</sup> “Eu tinha cruzado a fronteira do *Black Belt* (cinturão negro)” (tradução minha).

<sup>23</sup> “Eu era negro e ela não se importou” (tradução minha).

experiência encenada na diegese e o narrador mediando tal experiência, observam que há uma atenuação das produções sociais de diferença e, por conseguinte, do preconceito.

Diante disso, Richard se questiona: “I kept asking myself what had black people done to bring this crazy world upon them?” (WRIGHT, 2005, p. 265).<sup>24</sup> Desse modo, ao ter uma experiência distinta, num primeiro momento, daquela do opressivo Sul, o personagem passa a não entender o porquê daquele ódio tão demarcado experimentado pela sua comunidade do outro lado da velha *Mason Dixon Line*. Nesse sentido, em um primeiro momento, há uma confirmação do imaginário geográfico que lhe fora ofertado sobre o Norte como um lugar de mitigação das diferenças de raça. Imaginário este que vai se desmantelando à medida que o personagem vai penetrando nos espaços de Chicago.

À vista disso, o narrador faz uma reflexão sobre a sua condição enquanto homem negro tendo em vista essa experimentação de uma outra ambiência, onde a tensão racial toma uma outra roupagem:

Color hate defined the place of black life as below that of white life; and the black man, responding white man, responding to the same dreams as the white man, strove to bury within his heart his awareness of this difference because it made him lonely and afraid (WRIGHT, 2005, p. 266).<sup>25</sup>

Por esse discurso, Richard reconhece a hierarquização operada pelos sistemas de opressão racial, que situam pessoas negras abaixo de pessoas brancas. Tal pensamento é desencadeado a partir das dinâmicas espaciais, em que o narrador considera que a comunidade negra deva desenvolver uma consciência a respeito das diferenças de raça, uma vez que o sistema da branquitude quer enterrar e esconder esse pensamento. Isso é colocado pela voz narrativa como uma estratégia de superação do sentimento de solidão e medo que acomete esse grupo social.

Com isso, ilustra-se que a mudança de espaço, do Sul para o Norte, fez com que o sujeito pudesse elaborar de uma forma mais aprofundada a sua experiência em face do racismo. O conhecimento que o narrador vai construindo sobre o mundo é paralelo à construção de um saber sobre a própria vida, portanto, ao entender essa dinâmica de relações sociais desenroladas nessas dinâmicas espaciais, entende a sua posição nesse cenário.

Nesse sentido, por mais que a violência racial seja refreada no Norte, o narrador reconhece que ela ainda está lá, incrustada no cotidiano e afeta a forma do sujeito negro ser no mundo. Por isso, diz que

---

<sup>24</sup> “Eu continuei me questionando o que as pessoas negras tinham feito para se embrenharem nesse mundo louco” (tradução minha).

<sup>25</sup> “O ódio à cor define o lugar das vidas negras como abaixo das vidas brancas; e o homem negro, respondendo ao homem branco, respondendo pelos mesmos sonhos que o homem branco, luta para enterrar no seu coração a consciência da diferença porque isso o torna solitário e amedrontado” (tradução minha).

(Slowly I began to forge in the depths of my mind a mechanism that repressed all the dreams and desires that the Chicago streets, the newspapers, the movies were evoking in me. I was going through a second childhood; a new sense of the limit of the possible was being born in me. What could I dream of that had the barest possibility of coming true? I could think of nothing. [...] A dim notion of what life meant to a Negro in America was coming to consciousness in me, not in terms of external events, lynchings, Jim Crowism, and the endless brutalities, but in terms of crossed-up feeling, of psyche pain. I sensed that Negro life was a sprawling land of unconscious suffering, and there were but few Negroes who knew the meaning of their lives, who could tell their story) (WRIGHT, 2005, p. 267).<sup>26</sup>

O recurso gráfico e linguístico dos parênteses, como indicado nas análises anteriores, demarcam essa interlocução da voz narrativa apresentando uma reflexão, uma análise sobre a experiência encenada na diegese. Essa dinâmica, erigida no afastamento temporal, faz com que o narrador detecte o momento em que ele começou a desenvolver uma consciência sobre a nação na perspectiva das tensões raciais. Esta consciência é desenvolvida não apenas em um sentido histórico, palpável, de percepção das violências, mas de perceber o posicionamento social de tais sujeitos. Ou seja, para realizar o processo de narração do si, Richard, a partir do espaço geográfico representado na narrativa, constrói um saber sobre si mesmo e sobre o seu grupo social.

Por esses termos, Richard bloqueia as suas próprias aspirações ao ver que o imaginário que se constrói a respeito do Norte tem as suas limitações. Por mais que lá fosse um espaço de liberdade, não deixava de ter as suas dinâmicas de subalternização das pessoas negras. Ao dizer que estava em direção a uma segunda infância, o narrador vê, em um outro nível, bloqueios semelhantes àqueles experimentados no Sul. Ele é objetivo ao enunciar que não se trata de uma legislação específica, como a Jim Crow, ou os linchamentos e outras formas de brutalidade, mas o sentimento de estar preso a uma sensação de confusão (como indica a definição de *crossed-up* dada pelo *Merriam-Webster Dictionary*<sup>27</sup>), como uma dor psíquica. A partir dessa experiência de mundo, ele entende que a vida da comunidade negra é como uma terra, uma zona desértica, para reiterar os termos utilizados por Fanon (2008). Existem, segundo o narrador, poucas pessoas que conseguem observar isso e transmutar essa vivência de mundo em algo narrável. Neste caso, ele

---

<sup>26</sup> “(Aos poucos eu comecei a forjar nas profundezas da minha mente um mecanismo que reprimia todos os sonhos e desejos que as ruas de Chicago, os jornais, os filmes estavam me evocando. Eu estava passando por uma segunda infância; um novo sentido do limite do possível estava nascendo em mim. Com o que eu poderia sonhar que tivesse a mínima possibilidade de se tornar realidade? Eu não conseguia pensar em nada. E, aos poucos, foi nesse nada que a minha mente passou a morar, aquele constante sentimento de querer sem ter, de ser odiado sem razão. Uma vaga noção do que a vida significava para um negro nos Estados Unidos estava se formando na minha consciência, não em termos de eventos externos, linchamentos, Jim-Crownismo e o sem fim de brutalidades, mas em termos de uma confusão, de uma dor psíquica. Eu senti que a vida do negro era uma terra repleta de sofrimento inconsciente, e havia não mais do que alguns negros que conheciam o sentido das suas vidas, que poderiam contar as suas histórias)” (tradução minha).

<sup>27</sup> O *Merriam-Webster Dictionary* apresenta dois sentidos para a expressão: 1) fazer alguém ficar confuso; 2) estragar algo por completo. Assim, sendo mais adequado o primeiro sentido.

é uma delas, que pela organização da sua experiência pessoal, em diálogo com as tramas culturais e sociais, em narrativa consegue semantizar esse sentimento.

Aqui volta a valer o padrão da sua imaginação – desilusão da infância: o que imaginou como liberdade no Norte acaba por se transformar em maneiras mais rebuscadas, mais sutis, de racismo. Nesse contexto, a situação de estar à margem é mantida, mesmo que essa marginalidade tome outra roupagem.

As fronteiras sustentadas pelo racismo o acompanham por todo o território estadunidense, até mesmo quando vai para o Harlem, em Nova York, bairro essencialmente afro-americano. Quando solicita um quarto, se desenrola o seguinte diálogo entre Richard e o balconista:

“I’d like a room,” I said.  
 “Not here,” he said.  
 “But isn’t this Harlem?” I asked.  
 “Yes, but this hotel is for white only”, he said (WRIGHT, 200, p. 350).<sup>28</sup>

A pergunta dirigida pelo personagem, “Mas este não é o Harlem?” constrói o sentido da incredulidade de que mesmo naquele espaço predominantemente ocupado pela comunidade negra, a segregação ainda se impõe. Dessa forma, Richard desenvolve um saber sobre o mundo e dinâmicas de representação do si que são atravessadas pelo espaço geográfico e pelo enquadramento histórico. Quando no Sul, nutre o imaginário do Norte como lócus de libertação do racismo mantido pelo capital narrativo disponível no contexto das leis Jim Crow. Já na sua experiência no Norte, em um primeiro momento, pela atenuação da violência direta, Richard sente a diferença do ódio explícito dos estados sulistas, mas, com o passar do tempo, não deixa escapar que ainda no Norte, ainda que de maneiras menos diretas, também há práticas discriminatórias.

W. E. B. Du Bois, no ensaio “The Black North: A Social Study”, publicado em 1901, explica que, ainda que colocados de formas distintas na realidade social, tanto o Norte, quanto o Sul são perpassados por problemas de raça. Sobre essa construção de imaginário, Du Bois (1901) é categórico ao afirmar que

It is usually assumed that this group of persons has not formed to any extent a "problem" in the North, that during a century of freedom they have had an assured social status and the same chance for rise and development as the native white American, or at least as the foreign immigrant. This is not true. [...] North as well as South the negroes have emerged from slavery into a serfdom of poverty and restricted rights. Their history since has been the history of the gradual but by no means complete breaking down of remaining barriers (DU BOIS, 1901, s/p).<sup>29</sup>

<sup>28</sup> “‘Eu gostaria de um quarto,’ eu disse.

‘Não aqui,’ ele disse.

‘Mas este não é o Harlem?’ eu perguntei.

‘Sim, mas este hotel é apenas para brancos’, ele disse” (tradução minha).

<sup>29</sup> “Geralmente pressupõe-se que esse grupo de pessoas não configura uma extensão do ‘problema’ no Norte, que durante um século de liberdade eles tiveram assegurados status social e as mesmas chances de

Pelo exposto, o intelectual afro-americano destaca que há uma presunção de que no Norte as pessoas negras eram livres e tinham possibilidade de alcançar o mesmo status social das pessoas brancas. É explícito, no entanto, que isso não condiz com a real situação, pois, por mais que o Norte tenha abolido a escravidão antes, tanto os estados nortistas quanto sulistas têm um passado escravista e que, de uma forma ou outra, dispõem de mecanismos de prolongamento da subalternização da comunidade negra.

Em *The souls of black folk*, Du Bois (2007) assinala a historicidade dessa questão. A tensão racial, segundo esse autor, prolonga-se nos Estados Unidos desde antes da Guerra Civil, inicia com a escravidão e atravessa o século XIX com as iniciativas abolicionistas, sendo um dos motes do confronto iniciado em 1861. Porém, o ponto de destaque é que Du Bois (2007) prevê que o século XX será marcado pelos atritos raciais, como de fato acontece e culmina no movimento pelos Direitos Civis.

Essa organização estético-temática direciona à concepção trazida por Michel Collot (2012) de autobiogeografia, que consiste em organizar o relato a partir dos lugares no ato de enunciar um discurso cuja referencialidade seja o próprio si. Nesse sentido é como opera a práxis literária de Wright, uma vez que além de incorporar o imaginário geográfico enquanto temática, também estrutura a forma da narrativa a partir dos espaços na perspectiva do deslocamento do sul em direção ao Norte.

É nesses processos históricos e culturais, portanto, que a narrativa de Richard Wright se firma. A realidade diegética constrói sentidos a partir não apenas do enquadramento histórico das leis Jim Crow, mas também a partir da localização geográfica. Como destaca Collot (2012), o espaço geográfico torna-se elemento decisivo tanto na esfera da criação do texto literário, quanto na sua tematização pelas tramas desenvolvidas diegeticamente. Nesse sentido, o jogo com o imaginário geográfico Norte/Sul coloca em interlocução o objeto literário com a Geografia e com a História, a partir da historicidade que atravessa o espaço.

Em síntese, a narrativa autobiográfica de Wright, na sua primeira parte explora o imaginário sobre o Norte dos Estados Unidos pela lente dos estados sulistas. O eu narrado, um menino negro, compartilha com a comunidade negra o imaginário do Norte como um

---

ascensão e desenvolvimento que um branco dos Estados Unidos, ou pelo menos as de um imigrante estrangeiro. Isso não é verdade. [...] Tanto no Norte quanto no Sul, os negros saem da escravidão para uma servidão, pobreza e restrição de direitos. A sua história desde então tem sido a história da gradual, mas não significa completa, quebra de barreiras que insistem em permanecer” (tradução minha).

lugar de liberdade. Isso que é influenciado historicamente pelo prolongamento da escravidão nos estados ao sul da *Mason Dixon line* encenado nas narrativas que atravessam o imaginário. Imbuído desse capital simbólico, Richard vê no Norte a possibilidade de se libertar da violência racial fortemente presente em seu cotidiano. Quando migra para o Norte, especificamente para a cidade de Chicago, em Illinois, à primeira vista experiencia uma suposta mitigação do racismo. Porém, logo percebe, pela sua experiência, outras mecânicas de manutenção da subalternidade das pessoas negras. Logo, há uma desconstrução do imaginário geográfico ao qual o narrador-personagem se aproximava.

Desse modo, o relato é conduzido pela experiência atrelada ao espaço geográfico e o seu entrecruzar com a historicidade. Diante disso, observo que o si é narrado ao se enredar no capital narrativo que tem como horizonte o espaço geográfico: a geografia simbólica entre Norte/Sul é fonte de sentido que o narrador reivindica para construir a sua narrativa do si e, dessa forma, se filiar a um enquadramento histórico. Logo, há uma negociação de sentidos entre a sua história de vida, enquanto narrativa individual, e a narrativa da comunidade afro-americana, que migra do Sul para o Norte, bem como com a própria narrativa nacional que manipula esse imaginário geográfico.

### **Considerações Finais**

Por essas reflexões, evidencia-se a produtividade da prática comparatista ao contrastar o terreno da geografia com a interpretação da narrativa literária. A textualidade produz sentidos que desvelam significados atrelados à realidade geográfica que, além de se inserir, representa.

Desse modo, há uma interlocução interdisciplinar implicada no fazer comparatista: os dois campos, geografia e literatura, convergem esforços para melhor compreender questões comuns. No caso deste artigo, a problemática comum diz respeito à construção de um imaginário geográfico, isto é, as imagens que se cristalizam na esteira da história e são refletidas na criação literária. Historicamente, é construído um antagonismo entre as regiões nortista e sulista nos Estados Unidos tendo como ponto central o problema da tensão racial. Esse elemento da realidade histórica e geográfica é utilizado como matriz de sentido na composição narrativa de Wright, em que as tramas subjetivas que constituem as figuras ficcionais se sedimentam em tais dinâmicas semânticas.

Assim, há uma negociação de sentidos entre a narrativa literária e o imaginário geográfico. À medida que a geografia projeta sentidos para o texto, este, por sua vez, possibilita um redimensionamento de compreensões sobre o espaço a partir da mirada subjetiva ofertada pela enunciação narrativa.

Dessa forma, a prática comparatista em um viés interdisciplinar mostra destacada relevância ao proporcionar leituras diversificadas do texto literário. Assim, as tramas de sentido que se estabelecem na textualidade são redimensionadas no ato da leitura ao serem colocadas em perspectiva à geografia. No caso deste estudo, isso se concretiza quando o leitor acessa o texto literário tendo no seu horizonte de recepção a simbologia espacial que emerge das dinâmicas sociais e históricas que cruzam o território dos Estados Unidos e formulam um imaginário geográfico forjado pelas tensões raciais que cruzam a formação nacional.

### Referências

“Cross up.” Merriam-Webster.com Dictionary, Merriam-Webster. Source: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/cross%20up>. Accessed on July 20th, 2021.

BAL, Mieke. *Narratologia: introdução à teoria da narrativa*. Trad. Elizamari Rodrigues Becker [et al]. Florianópolis: Editora UFSC, 2021.

BURKE, Henry Peter. *Along the Mason-Dixon Line*. New York: Buffalo State College, 2000.

CARVALHAL, Tânia. *O próprio e o alheio: ensaios de Literatura Comparada*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

CIRLOT, J. E. *A dictionary of symbols*. Trad. Jack Sage. 2nd ed. London: Routledge, 2001.

COLLOT, Michel. Rumo a uma geografia literária. Trad. Ida Alves. *Gragoatá*, v. 17, n. 33, p. 17-31, 2012.

DU BOIS, W. E. B. *The Black North: a social study*. 1901. <https://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/books/00/11/05/specials/dubois-north.html>. Accessed on July 20th, 2021.

DU BOIS, W. E. B.; DOUGLASS, Frederick; WASHINGTON, Booker T. *Three African-American Classics: Up from Slavery, The Souls of Black Folk and Narrative of the Life of Frederick Douglass*. New York: Dover, 2007.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

HOOKS, bell. *Belonging: a culture of place*. New York: Routledge, 2009.

MAUK, David; OAKLAND, John. *American civilization: an introduction*. 5th ed. New York: Routledge, 2009.

PAGEAUX, Daniel-Henri. Diálogos entre comparatismo e ciências humanas e sociais: História, Geografia, Antropologia. Trad. Ricardo André Ferreira Martins e Marcelo Marinho. In: MARINHO, Marcelo; SILVA, Denise Almeida; UMBACH, Rosani Ketzer (Org.). *Musas na encruzilhada: ensaios de Literatura Comparada*. Frederico Westphalen: URI; São Paulo: Hucitec; Santa Maria: UFSM, 2011. p. 73-105.

REMAK, Henry HH. Origins and evolution of comparative literature and its interdisciplinary studies. *Neohelicon*, v. 29, n. 1, p. 245-250, 2002.

SCHAPP, Wilhelm. *Envolvido em histórias: sobre o ser do homem e da coisa*. Trad. Maria da Glória Lacerda Rurack, Klaus-Peter Rurack. Porto Alegre: Sérgio Antonio Fabris Ed., 2007.

WRIGHT, Richard. *Black Boy (American Hunger): A record of childhood and youth*. 6th ed. New York: Harper Collins, 2005.